

Resumo: É comum hoje falar da Amazônia, e há muitas falas a respeito. Há, também, muitos projetos voltados para a Amazônia, no campo político, econômico, cultural, religioso, etc. Os projetos destinados a favorecer os povos que ali vivem e a proteger seu ecossistema, precisam estar embasados em conhecimentos e respeito pela realidade da região. Situa-se aqui a missão da Igreja. Em sua história na Amazônia, a Igreja passou por diferentes períodos, como a colonização e a romanização de sua evangelização. A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja tem um novo projeto pastoral para Amazônia. A situação social de migração, urbanização da pobreza, exploração do trabalho, etc., exigem atitudes proféticas na evangelização. Defendendo a causa do amazônida, a Igreja começa a assumir um rosto amazônico. Nos últimos anos, a organização das comunidades, as assembleias e os projetos pastorais das dioceses, mostram que a Igreja está se tornando mais “pé no chão”, sintonizada com os apelos da realidade dos povos amazônicos. É desse modo que, buscando resposta aos muitos desafios que emergem constantemente, a Igreja e os cristãos vivem a sua missão, a sua diakonia, na Amazônia, ajudando as pessoas a se realizarem pessoal e comunitariamente.

Abstract: In contemporary culture it became a common topic to treat openly the importance of the Amazon region. To be dealt with are projects pertaining to the political, economic, cultural, and religious area, all of which affect the people and their modes of life and relations to their surroundings. In this context the Church has its share of responsibility, since colonial times up to the period of intense missionary activity after the Second Vatican Council. New challenges had to be faced due to increasing waves of migration, and widespred impoverishment of the local population as well as enslavement of laborers. Prophetic figures of Church leaders drew attention to the infringement of human rights and were providential in securing international investments to benefit the communities through charities and pastoral activities. As a result the social engagment of Church organisations became involved in many areas which are in need of improvement thus putting into practice the diakonia at the service of the people of the Amazon region so that they may develop on a personal and communitarian level.

A Igreja e sua missão na Amazônia

*Pe. Raimundo Possidônio Carrera da Mata**

* O Autor é ...





Introdução

Falar sobre a Amazônia nestes últimos anos parece ter virado um lugar comum. Em todo o planeta se fala sobre a Amazônia. Ainda bem! Quanto mais pudermos expor a “questão” amazônica, melhor, pois seus problemas não serão tratados de modo obscuro ou unilateral.

Há modos diversos de ver a região, dependendo do lugar onde se está: há aqueles que vêem a região apenas como um território a ser explorado sem dó nem piedade; tem gente que “não pode ver uma árvore em pé”, como se diz por aqui. Outros olham a dimensão territorial, e querem implementar o agro-negócio de forma a gerar divisas para o país e a região. Outros a olham como uma espécie de panacéia universal, pois a exuberância da terra com sua biodiversidade daria para curar todos os males do mundo. Há ainda outros que pregam a intocabilidade da terra, sem mexer em nada, preservando-a para o futuro... sobretudo por causa dos mananciais de água doce, da qual a Amazônia é um grande reservatório. Outros, com acentuado preconceito, que, aliás, é predominante desde os tempos coloniais, afirmam a necessidade de intervenções na região porque os povos que aqui vivem não sabem cuidar da terra, não sabem trabalhar... Então os que aqui chegam ou para cá são mandados, em geral, menosprezam os habitantes da terra, com adjetivos ou classificações pouco condizentes com a verdade e o modo de ser de quem há muito vive aqui.

Infelizmente, muitos dos projetos voltados para a região revelam, além da ambição e preconceitos, a falta de conhecimento e a ausência da necessária parceria que poderia mudar os rumos do que atualmente acontece. Penso que até mesmo a preocupação da Igreja com a Amazônia precisaria levar em conta alguns aspectos que são próprios desta região, se é que levamos ainda em conta a proposta da evangelização inculturada, tema que tem dominado os debates nos últimos anos e influenciado as decisões e toda a ação evangelizadora na Igreja do Brasil.

Proponho-me, nestas linhas, registrar alguns aspectos da presença da Igreja aqui na região, levando em conta alguns dados da história missionária e evangelizadora e também os grandes desafios que a missão da Igreja enfrenta, a partir da realidade tão complexa da Amazônia hoje.



1. A Igreja e a sua missão na história da Amazônia¹

1.1. Período Colonial – A Amazônia entrou no mapa do mundo a partir da chamada “época das descobertas”, pois essa região, pelo Tratado de Tordesilhas – acordo entre Portugal e Espanha (1494) mediado pelo papa Alexandre VI – pertencia à Espanha. Os navegadores espanhóis, então, começaram a navegar por aqui antes mesmo da descoberta de Pedro Álvares Cabral². Ingleses, holandeses, irlandeses e franceses também tinham interesse nessas terras. Eles já estavam nas Antilhas e Guianas. Pouco a pouco foram entrando em terras espanholas e portuguesas para colonizar. Uma dessas experiências foi a dos franceses, que entraram no Maranhão entre 1612-1615 e estabeleceram a chamada “França Equinocial”, trazendo consigo os primeiros missionários do Norte do Brasil: eram os Capuchinhos franceses que evangelizaram os índios tupinambás³.

Os portugueses reagiram a essa “invasão” e expulsaram os franceses. E já em 1616 eles botaram o pé na Amazônia, ao fundarem a cidade de Belém do Grão Pará e a partir daí iniciaram um processo de conquista da região para Portugal, colonizando e evangelizando os povos aqui existentes⁴. Em 1750, outro Tratado, o de Madri, redefiniu as fronteiras entre Espanha e Portugal. Se hoje o norte do Brasil tem as grandes dimensões que tem, é graças a esse Tratado. As terras espanholas passaram a pertencer de fato aos portugueses na medida em que a conquista e a colonização iam avançando território adentro na direção do Peru (cerca de 3.000 km). Acompanhando esse processo veio a evangelização: além de um padre secular que foi o pároco da 1ª Paróquia na região, vieram também os religiosos: em 1617 chegaram os Franciscanos de Santo Antônio, em 1626 chegaram os Carmelitas, em 1640 chegaram os Mercedários,

1 Ver CEHILA. *História da Igreja na Amazônia*. Vozes. 1992

2 Em 1499, Francisco Yañes Pinzón, vindo do Peru, chegou à foz do Amazonas, à procura de ouro.

3 O frei Claude d’Abbeville deixou registrado para a história o trabalho dos Capuchinhos numa obra intitulada “*História dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*”, Itatiaia Liv. Ed. 1975.

4 Segundo estudos recentes, e depois da descoberta das pinturas ruprestes na Caverna da Pedra Pintada em Monte Alegre (PA), jogou-se por terra a datação da presença humana na região de 12.000 anos. Os “paleoíndios” viviam na região por séculos ou até milênios, formando uma população de mais de 3.000.000 de habitantes à chegada dos colonizadores.



em 1652 os Jesuítas, em 1693, os Franciscanos da Beira e Minho, e em 1706 os Franciscanos da Conceição. Esses missionários fundaram 63 aldeamentos de missão. Havia cerca de 200 missionários relacionados não só ao trabalho de catequização, mas voltados também ao projeto de “civilização”; ou seja, tornar o indígena um trabalhador a partir dos padrões europeus. É necessário destacar que a presença da Igreja estava sujeita ao Padroado⁵, o que condicionou em parte sua missão.

Os aldeamentos foram formados pelos “*descimentos*”, verdadeiras guerras promovidas contra os indígenas para forçá-los a sair de suas terras, fazendo-os passar pelo “processo educativo”, a fim de se tornarem mão-de-obra escrava para os portugueses colonizadores. Isso serviu para uma grande dizimação ou desaparecimento do indígena. O Pe. Antônio Vieira, que chegou ao Maranhão-Pará por volta de 1653 e aí permaneceu até 1661, quando foi expulso, perguntava pelos índios do Maranhão. Ele dizia: “*O Maranhão está vermelho do sangue dos índios*”. Apesar de toda a destruição não só física, mas também cultural, a força da resistência indígena está presente no mundo amazônico, não só na alimentação, atitudes, jeito de ser, mas também na religiosidade: a pajelança, considerada a verdadeira religião da Amazônia, continua a ser expressa de modo tácito por boa parte da população ainda hoje.

Os africanos foram trazidos para a Amazônia pelos traficantes de escravos, através do Maranhão. Desde 1680 se tem notícia da presença de escravos africanos por estas terras. Como os religiosos detinham o controle da distribuição da mão-de-obra indígena e isso impedia, de certa forma, a utilização plena do índio nos trabalhos requeridos para a exploração da terra, os portugueses foram obrigados a comprar escravos negros. Verdadeiras batalhas foram feitas contra os religiosos para derrubar esse controle, o que valeu a expulsão dos jesuítas em 1661, em 1680 e, definitivamente, em 1759/60.

Muitas expressões culturais africanas estão presentes na vida e na alma dos nossos povos, na religiosidade, sobretudo. Há na Amazônia mais

5 O **Padroado** era um sistema que garantia direitos e impunha deveres aos reis católicos de Portugal em relação à organização e à missão da Igreja em terras conquistadas, e funcionou tanto na Amazônia como no restante do Brasil. Ou seja: toda a atividade missionária e toda a organização da Igreja Católica aqui estavam submetidas à aprovação ou não da Coroa portuguesa através de um departamento da administração chamado “Mesa de Consciência e Ordens”, criado em 1532: nomeação dos bispos, ereção de diocese e paróquias, envio dos missionários, legislação sobre as missões...



de 1.000 terras de quilombolas⁶, revelando assim a presença marcante dos africanos por aqui.

Desses encontros ou desencontros resultou uma cultura e uma religiosidade híbridas, que mesmo com a chegada de outras expressões culturais e religiosas mais recentes, ainda permanece viva na alma e na vida dos amazônidas, especialmente em algumas áreas ainda não totalmente influenciadas pelas culturas advenientes. O exemplo mais eloqüente dessa realidade é o Círio de Nazaré, que desde o século XVIII permanece como uma grande síntese da religiosidade popular da Amazônia.

Devido à crise provocada pela expulsão dos Jesuítas e de outras Ordens religiosas, a Igreja católica viu de repente sua presença na região prejudicada por falta de quadros: o clero secular era diminuto para a extensão do trabalho e houve um controle mais rigoroso do governo sobre os missionários que vinham para a região. Entretanto, o que mais se avivou neste tempo foi o catolicismo popular com toda a sua riqueza de manifestações e características, o que deu relevo à presença dos leigos e leigas que assumiram em muitos lugares as manifestações religiosas.

1.2. Período da “romanização” – Outra etapa marcante da Igreja na região e que vai provocar profundas mudanças no catolicismo amazônico se dá quando inicia em todo o Brasil a influência da “**romanização**”, ou seja, o lento afastamento da Igreja católica da monarquia brasileira, com a cessação do regime do Padroado (terminado em 1890) e a aproximação de Roma e do Papa.

A nomeação de Bispos como D. Antonio de Macedo Costa, entre outros, marca esta nova fase, em que a Igreja católica passa a se organizar a partir das orientações de Roma. Esses bispos empreenderam uma verdadeira reforma e reorganização da Igreja, enfrentando verdadeiras batalhas para libertar a Igreja das amarras de uma viciada tradição colonialista e que deu origem a muitos conflitos, por exemplo com a maçonaria, com segmentos da própria população católica, com os protestantes que estavam se estabelecendo no Norte do Brasil.

Esse novo modo de proceder alcança sua plena forma com a criação da Diocese de Manaus em 1892, a elevação da Diocese de Belém a Arquidiocese (1906) e a criação das diversas Prelazias ou Prefeituras

6 Assim como os indígenas, os povos africanos também resistiram à escravidão com muitas revoltas e fugas, que desembocaram na abolição da escravidão. Por isso, surgiram, na Amazônia, como no resto do Brasil, muitas comunidades quilombolas.



Apostólicas entregues ao cuidado dos religiosos que começaram, pouco a pouco, a chegar na região, para atuar, sobretudo, nas áreas de maior carência da presença da Igreja: inicialmente para as missões indígenas, para o seminário e para as antigas missões transformadas em Paróquias. Chegaram aqui os frades Capuchinhos (1843), os Franciscanos (1870), os Espiritanos (1885), Dominicanos (1897), Agostinianos Recoletos, Barnabitas, Maristas, Beneditinos, Salesianos, Jesuítas, Servitas, Preciosíssimo Sangue, etc. Um dado significativo nessa história é a presença, na região, das Congregações religiosas femininas que passaram a atuar nos hospitais, leprosários, colégios, orfanatos, escolas, missões indígenas, em muitos lugares atuando lado a lado com os religiosos: Dorotéias, Filhas de Sant'Ana, Capuchinhas, Dominicanas, Irmãs de Santa Catarina... Houve também a criação de congregações femininas aqui mesmo na região.

Religiosos e religiosas compõem um novo cenário eclesiológico na região pelo papel que desempenham: um papel determinante e ativo, no qual a mística do serviço, do abandono, levou muitos deles e delas a deixar o melhor de suas vidas aqui, ou até mesmo a própria vida.

Por outro lado essa etapa da presença da Igreja aqui retomando a evangelização de forma vigorosa, acabou por sombrear ou limitar o papel do laicato por sua índole mais clericalizada, centrada ao redor da vida paroquial, menos social e política, e sobre os agentes oficiais da Igreja. A preocupação fundamental era a defesa da instituição contra uma sociedade que a marginalizava e a suprimia da participação do contexto sócio-político e cultural. Daí, trazer toda a vida religiosa sob controle se tornava uma exigência fundamental, embora provocasse deserções de muitos leigos, sobretudo, os homens, que saíram da Igreja nessa época.

2. A Igreja na atualidade e os desafios para a sua missão

2.1. As transformações sócio-econômico-político-culturais

Nos últimos anos, com a mudança provocada por significativos marcos eclesiológicos, como o concílio Vaticano II, e as assembléias de Medellín e Puebla, a Igreja na Amazônia também virou o leme de sua caminhada, promovendo uma maior inserção dentro da realidade, que também estava se transformando devido a uma maior preocupação de



integrar a região ao restante do Brasil e desenvolvê-la economicamente, abrindo-a para a exploração de suas riquezas e de suas potencialidades no campo energético, mineralógico, biodiversidade, etc.

O progresso projetado pelo governo desde a década de 50 do século passado visava o crescimento econômico e a prosperidade, pela exploração dos recursos naturais, controlando técnica e politicamente o espaço, estabelecendo uma rede de comunicações de alto nível que compreende satélites, aeroportos, estradas, como a Belém-Brasília e a Transamazônica, a chamada “malha programada”; foi criada a SPVEA (Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia) e ampliou-se a área de execução desse plano com a criação da Amazônia Legal (1953), o que corresponde a mais da metade do território nacional; iniciam-se os grandes projetos voltados para a exploração mineral: manganês, bauxita, ferro, estanho, cobre, chumbo, cassiterita, titânio, cobre...), a exploração da madeira, hidrelétricas, projetos agro-pecuários, a garimpagem desordenada, etc. Uma das grandes pragas da Amazônia é a grilagem das terras públicas, tornando-se um dos principais fatores do desmatamento⁷ (mais de 100 milhões de hectares! – dados de 2001).

Isto significou na verdade para a Amazônia o esvaziamento do interior e um fenomenal processo de migração externo, de fora para a Amazônia e, o que talvez não se esperasse, um extraordinário movimento migratório interno, que chega aos 90,2% em 1991. Costumamos dizer por aqui que a “*Amazônia se move, sem parar*” não só pela natureza, mas também por causa do imbricado movimento humano, ou seja, o amazônida e aqueles que agora fazem da Amazônia sua casa, estão sempre à procura de algo, sempre em busca de sobreviver, pois as condições de vida tornaram-se precárias e, muitas vezes, desumanas.

Estabeleceu-se, por consequência, na Amazônia, o que poderíamos chamar de **URBANIZAÇÃO DA POBREZA**, por causa dos domicílios inadequados, pelos baixos rendimentos, pelo trabalho informal ou o desemprego, a falta de água tratada, falta de rede de esgoto, da coleta do lixo, acrescida da falta de escolas, precário atendimento nas questões de saúde (a malária que havia sido extinta na região volta com força impressionante), gerando o descontentamento, o desmantelamento da

⁷ Veja, de acordo com o INPE, os dados do desmatamento nestes últimos anos: de 1977 a 1988: 21.000 km²; de 1988 a 1990: 31.500 km²; de 1990 a 1994: 39.700 km²; de 1994 a 1998: 77.800 km²; de 1998 a 2002: 76.900 km²; de 2003 a 2006: 84.400 km².



organização urbana, a degradação da civilidade e da dignidade, da estrutura familiar, tudo isso misturado com os mais terríveis casos de violência já registrados na história de nossas cidades, revelando os mais baixos índices de pobreza entre as regiões brasileiras.

As estatísticas que apontam para o admirável crescimento econômico nos últimos anos, na região, como o agro-negócio, sobretudo o plantio da soja (a área plantada cresceu 145%, ocupando cerca de 10,8 milhões de hectares) e o crescimento do rebanho bovino (194%), além da degradação ambiental, escondem grandes mazelas sociais como a prostituição infantil. Em todas as grandes frentes de expansão, estabelecimento dos grandes projetos, abertura de estradas, área de garimpos e novos núcleos urbanos que surgem, aparece o sinal da pobreza aviltante e a falta de garantia de vida digna, sobretudo entre jovens e crianças que acabam caindo nas garras de aproveitadores, gerando o triste espectro da prostituição e suas seqüelas.

Isso revela que a nossa pobreza não é somente material, mas também no interior de cada pessoa, que se sente abandonada, desvalorizada, e por isso anda muitas vezes sem rumo, sem algo em que se agarrar. Torna-se presa fácil de qualquer espertalhão, seja no âmbito político como até no religioso, que saiba capitalizar essas fragilidades.

Por tudo isso – caso não mude essa política – é que se prevê para o século XXI, na Amazônia, o aumento da crise social!

2.2. As mudanças na caminhada da Igreja

A Igreja enfrentou esses desafios a partir dos anos 60 primeiro, através de parceria com os governos federal e regionais, emprestando sua infra-estrutura e seus quadros para cooperar nos planos governamentais: no campo da educação e da saúde: escolas, colégios, oficinas, hospitais, etc... que foram utilizados no intuito de diminuir os impactos da política desenvolvimentista, que em geral não beneficiou a população regional, como já afirmamos acima⁸.

⁸ Artigo de Carta Maior, S. Paulo, 27/06/2006. Com o título "*Amazônia produz para fora e riqueza não gera bem-estar social*" o artigo revela que após o encerramento do ciclo de consultas sobre o PAS (Plano Amazônia Sustentável), realizado em Brasília e nas Capitais dos nove Estados que compõem a Amazônia Legal, pesquisadores e ambientalistas avaliaram erros conceituais que resultaram no subdesenvolvimento socioambiental de 61% do território brasileiro.



Porém, nestes últimos anos, a Igreja tem dado respostas concretas a esses apelos da realidade através das suas assembléias, de seus pronunciamentos e pelos Planos de pastoral que são concretizações de seu olhar sobre a realidade⁹. A partir dos anos 70, a Igreja passou a tomar consciência de que seu papel não deveria ser apenas o de amortecedora dos conflitos que assolavam a região, mas deveria ser uma voz profética a denunciar os desmandos oficiais ou particulares que se multiplicaram.

Foi em dois grandes momentos eclesiológicos que a Igreja amazônica se expressou de forma contundente diante dos desafios:

O primeiro grande momento foi a assembléia dos dois Regionais amazônicos em SANTARÉM (1972), pois foi ali que apareceu sua expressão máxima: “uma Igreja com rosto amazônico”. Aliás, foi nesta assembléia que os bispos da Amazônia ouviram do papa Paulo VI a significativa expressão: CRISTO APONTA PARA A AMAZÔNIA.

A partir da realidade, os Bispos definiram duas *diretrizes*: a encarnação na realidade e a evangelização libertadora; e escolheram 4 *prioridades*: formação dos Agentes de Pastoral (incluindo os futuros padres), estradas e frentes pioneiras, Pastoral Indígena, e Comunidades Cristãs de Base. Em 1974, em outro encontro em Manaus, os bispos acrescentaram como prioridade a Juventude. Santarém deu um novo impulso a uma caminhada de libertação já em andamento, e favoreceu o crescimento de uma Igreja mais local, ministerial, embora sempre dependente de fora em muitas decisões e pessoas envolvidas nos projetos pastorais. Em 1972 surgiu o Projeto “Igrejas-Irmãs”, visando criar laços de solidariedade entre as dioceses do Brasil e as igrejas da Amazônia.

Em 1997, depois de 25 anos de caminhada sob as orientações do documento de Santarém, os bispos reuniram-se em Manaus para fazer uma análise sobre a Amazônia, levando em conta as mudanças que ocorreram de lá até o início dos anos 90, e definindo novas linhas de ação. Da assembléia surgiu o documento A IGREJA SE FAZ CARNE E ARMA SUA TENDA NA AMAZÔNIA como confirmação de uma linha evangelizadora-pastoral, de uma mística amazônica diante de um quadro que não mudou muito em 25 anos. Em certos aspectos, cresceu a exclusão

9 Isto está amplamente descrito nos livrinhos da CNBB Norte 2: D. ERWIN KRÄUTLER (Bispo Prelado do Xingu). *Os povos da Amazônia e a voz dos seus pastores*. 2005; e Pe. POSSIDONIO DA MATA. *Caminhada da Igreja na Amazônia, Regional Norte 2: a história*. 2004.



e a violência. Na primeira parte do documento faz-se a **Memória: de Santarém a Manaus**: a Igreja perde perdão, busca a comunhão e louva e agradece a Deus pela caminhada realizada; na segunda parte a Igreja revela-se com um rosto amazônico, destacando *atitudes fundamentais inspiradoras da evangelização, como: Igreja: discípula da Palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida, irmã da criação*. No final do documento os bispos propõem à Igreja regional as Perspectivas evangelizadoras, voltadas para a *Inculturação, a Cidadania, a Formação e o Anúncio central da Boa Nova*. Concluindo, o documento proclama: “*Nossa esperança não se baseia apenas na realidade da história, mas na promessa de Deus e nos sinais de futuro que acompanham as palavras que Ele nos manda proclamar*”.

A partir dessas balizas orientadoras, a caminhada da Igreja tornou-se mais “*pé no chão*”, plenamente sintonizada com os apelos da realidade dos povos amazônicos e do mundo que nos rodeia. Como cristãos não poderíamos deixar de escutar esse clamor e viver, a partir de nossa mística cotidiana, a proximidade, o apoio, a presença, a solidariedade. Algumas expressões da Igreja mergulharam de corpo e alma na vivência do povo para lhes levar a Boa Nova e viver plenamente a solidariedade cristã, como é o caso da *Comunidade Itinerante*, uma bela experiência da vida religiosa consagrada intercongregacional ou interinstitucional.

Conclusão

Os povos amazônicos andam em busca de construir a vida com dignidade e querem encontrar na religião um caminho de realização pessoal, de saúde corporal e espiritual, de descoberta do sentido e do gosto de viver. É preciso valorizar as pessoas e revelar-lhes o amor de Deus para com toda a criatura humana, indo ao seu encontro (não ficar esperando), aproximando-se delas, procurando convencê-las a descobrir a beleza da fé cristã e da vida fraterna em uma comunidade cristã católica. Daí, mais uma vez, a necessidade de ter o coração e a mente abertos para que, compreendendo o tempo presente, a Igreja se torne a casa de todos e onde todos se sintam como irmãos e irmãs. Tudo isso, evidentemente, provoca a Igreja e sua tarefa evangelizadora.

Ou seja, a Igreja na Amazônia tem que buscar dar respostas a muitos desafios. Os cristãos devem repensar a sociedade atual: a Igreja deve pensar, nestes tempos de mudanças – rápidas – a sua missão, a sua



diakonia, para aliviar ou curar os sofrimentos das inúmeras vítimas da atual deterioração das relações sociais.

Tudo isso vai exigir uma profunda revisão dos papéis e da preparação dos agentes pastorais (preparar a cabeça e o coração); ter competência, sem amadorismos ou improvisações. É preciso investir em lideranças que tenham capacidade inovadora, que escapem da rotina, dos rótulos que desgastam e cansam. Daí a necessidade de trabalhar em equipe, articulados com vistas a uma ação eficaz, de pessoas com competências diversas e complementares.

Porém, constatamos, com certa tristeza, que ainda perdura uma condição eclesial dependente e periférica, quase uma condição de colonialismo, que desconhece uma caminhada cheia de força e beleza, que denota ou circunscreve a Igreja da Amazônia na sua condição de Igreja autóctone, que tem um rosto e densidade própria, que sabe resolver os seus problemas e que sugere soluções para outros desafios que atualmente enfrenta e enfrentará.

Basta analisar o que disseram nossos bispos, pastoralistas, teólogos, e assessores em diversas áreas, que participaram do Encontro Nacional promovido pela Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB, realizado em junho de 2005, em Brasília, para constataremos, não só as dificuldades do caminho já percorrido, mas, e sobretudo, as proposições que temos para resolver os graves problemas que a Igreja enfrenta na região. A Igreja revela assim sua plena maturidade, embora reconheça necessitar de ajuda e solidariedade¹⁰.

Endereço do Autor:

Praça Pio XII, 148

Icoaraci

66810-260 Belém, PA

¹⁰ Para conhecer essas propostas da Igreja na Amazônia: POSSIDONIO DA MATA E CECÍLIA TADA (Orgs). **AMAZÔNIA, Desafios e Perspectivas para a missão**. São Paulo, Paulinas, 2005